

O turismo pedagógico (TP) na escola como ferramenta de redução do transtorno do déficit de natureza (TDN) e a importância da escola na formação de professores com foco na educação ambiental

Pedagogical tourism (PT) at school as a tool to reduce nature deficit disorder (NDD) and the importance of school in teacher education focused on environmental education

Turismo pedagógico (TP) em la escuela como una herramienta para reducir el transtorno por déficit de la naturaleza (TDN) y la importancia de la escuela en la educación ambiental

Gicele Santos da Silva

Docente Superior e Pesquisadora. UNINTER, ANHANGUERA, UFRGS e UFSM
professoragicelesantos@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-8324-1600>

RESUMO

O presente Artigo tem por finalidade discutir e compreender os benefícios oriundos da relação da criança com a natureza, impulsionando o seu desenvolvimento cognitivo, motor e criativo, dentre outros. Na análise encontram-se o Transtorno do Déficit de Natureza (TDN), o Turismo Pedagógico (TP) e o papel da Escola em uma Formação de Professores qualificada. Tendo como método uma pesquisa exploratória e descritiva através de um levantamento bibliográfico de autores e publicações que dão ênfase à temática. O objetivo geral consiste na análise do Turismo Pedagógico como um potencial ferramenta de combate para o Transtorno de Déficit de Natureza e a importância da Escola em uma Formação de Professores, com foco na Educação Ambiental. Como objetivos específicos: Compreender o Transtorno de Déficit de Natureza; Analisar o Turismo Pedagógico. Detalhar o importante papel da Escola como formadora neste processo. Dando base para responder à questão objeto do estudo: Como a Escola pode auxiliar na diminuição do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), com a Formação de Professores com foco na Educação Ambiental (EA) e da prática do Turismo Pedagógico (TP)?

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), Turismo Pedagógico (TP), A Escola e a sua relação com a Natureza.

ABSTRACT

This article aims to discuss and understand the benefits arising from the child's relationship with nature, boosting its cognitive, motor and creative development, among others. In the analysis are the disorder of the nature deficit (TDN), pedagogical tourism (TP) and the role of the school in a qualified teacher education. Having as a method an exploratory and descriptive research through a bibliographic survey of authors and publications that emphasize the theme. The general objective is the analysis of pedagogical tourism as a potential combat tool for nature deficit disorder and the importance of school in teacher education, focusing on environmental education. As specific objectives: Understand the nature deficit disorder; Analyze pedagogical tourism. Detail the important role of the school as a trainer in this process. Giving the basis for answering the object of the study: How can the school help to reduce nature deficit disorder (TDN), with the training of teachers focused on Environmental Education (EA) and the practice of Pedagogical Tourism (TP)?

KEYWORDS: Nature Deficit Disorder (NDD), Pedagogical Tourism (TP), School and its relationship with Nature.

RESUMEN

El propósito de este artículo es discutir y comprender los beneficios que se derivan de la relación del niño con la naturaleza, potenciando su desarrollo cognitivo, motor y creativo, entre otros. El análisis incluye el Trastorno por Déficit de Naturaleza (TDN), el Turismo Pedagógico (TP) y el papel de la Escuela en la Formación del Profesorado cualificado. Utilizar como método la investigación exploratoria y descriptiva mediante un levantamiento bibliográfico de autores y publicaciones que enfatizan el tema. El objetivo general consiste en analizar el Turismo Pedagógico como herramienta potencial para combatir el Trastorno por Déficit de Naturaleza y la importancia de la Escuela en la Formación Docente, con un enfoque en la Educación Ambiental. Los objetivos específicos incluyen: Comprender el Trastorno por déficit de naturaleza; Analizar Turismo Pedagógico. Detallar el importante papel de la Escuela como formadora en este proceso. Proporcionando una base para responder a la pregunta objeto del estudio: ¿Cómo puede la Escuela ayudar a reducir el Trastorno por Déficit de Naturaleza (TDN), con la Formación Docente enfocada en la Educación Ambiental (EA) y la práctica del Turismo Pedagógico (TP)?

Palabras- clave: Trastorno por Déficit de la Naturaleza (TDN), Turismo Pedagógico (TP), La Escuela y su Relación con la Naturaleza.

1 INTRODUÇÃO

Este Artigo possui como tema central o Turismo Pedagógico (TP) e a sua importância como ferramenta de ação contra o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN) e o papel da Escola em uma Formação de Professores com foco na Educação Ambiental, situação que preocupa os Docentes, os Psicólogos e os Psicopedagogos. Tendo como questionamento os desdobramentos da ação da Escola na geração de oportunidades de contato da criança com a natureza auxiliando no seu desenvolvimento e no combate ao Transtorno de Déficit de Natureza (TDN).

O objetivo geral consiste na análise do Turismo Pedagógico (TP) como um potencial ferramenta de combate para o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), através da Escola promovendo uma Formação de Professores focados na Educação Ambiental. Como objetivos específicos: Compreender o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN); analisar o Turismo Pedagógico (TP); detalhar o importante papel da Escola como formadora neste processo. Dando base para responder à questão objeto do estudo: Como a Escola pode auxiliar na diminuição do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), com a Formação de Professores com foco na Educação Ambiental (EA) e da prática do Turismo Pedagógico (TP)?

O assunto, para elaboração deste Artigo, surgiu no decorrer da leitura do livro “A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit da natureza”, de Richard Louv, publicado no ano de 2016. O contato com essa obra despertou a curiosidade e a necessidade de um aprofundamento nas questões referentes à relação entre a criança e a natureza. Observa-se, nas práticas contemporâneas, que esse contato está desaparecendo, pois, as crianças têm passado a maior parte do seu tempo livre em frente a telas.

Esta situação provocou outra questão que suscita interesse de pesquisa que é o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), assunto diretamente associado com o Turismo Pedagógico (TP). Sendo o Turismo Pedagógico uma ferramenta extremamente importante para o combate ao TDN. Ação que com o apoio e intervenção da Escola torna-se uma ferramenta de grande importância, com a Escola gerando momentos para que a criança vivencie a natureza, além de apropriar ao currículo práticas pedagógicas junto à natureza. Entende-se que as crianças necessitam crescer usufruindo do contato com ela e presume-se que essa relação pode contribuir para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

O Artigo está dividido em dois subtítulos: O primeiro visa compreender o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN) e os desdobramentos do Transtorno no desenvolvimento cognitivo, sensório-motor na relação das crianças com a natureza – uma ação emergente para a saúde da criança, como uma responsabilidade da Escola no Processo de Formação dos Professores; O segundo visa analisar o potencial do Turismo Pedagógico (TP), como ferramenta de desenvolvimento e aprendizagem da criança e na redução da possibilidade de acometimento, pelas crianças, do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN).

2 OBJETIVOS

Para o desenvolvimento do Capítulo estabeleceu-se os objetivos necessários para uma apreciação total da temática abordada. O objetivo geral consiste na análise do Turismo

Pedagógico (TP), como um potencial ferramenta de combate para o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN).

Como objetivos específicos: Compreender o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), sua origem, características e prejuízos para as crianças, além das preocupações na atualidade, com uma geração totalmente tecnológica; Analisar o Turismo Pedagógico (TP), sua relevância e importância e ações potenciais como uma ferramenta de extrema importância para diminuir a incidência de casos de Transtorno de Déficit de Natureza (TDN) e Detalhar o importante papel da Escola neste processo de combate do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), suas práticas e necessidades de inclusão no Currículo Escolar de oportunidades para organização e realização de atividades junto à natureza, provocando e conscientizando o aluno sobre a importância do seu relacionamento com a natureza e para com os seus.

Os objetivos definidos darão condições de responder a questão objeto do estudo do Capítulo: Como a Escola pode auxiliar na diminuição do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), com a prática do Turismo Pedagógico?

A compreensão da urgência do estabelecimento de uma relação do Transtorno de Déficit de Natureza (TDN), com um Turismo Pedagógico (TP) é imediata, para a melhora da saúde e do desenvolvimento das nossas crianças, e a Escola e seus docentes neste cenário devem ser os protagonistas.

3 METODOLOGIA

O estudo desenvolvido apresenta-se como um estado da arte sobre o “Turismo Pedagógico como ferramenta de redução do Transtorno de Déficit de Natureza e o papel da Escola” Para o desenvolvimento do problema de pesquisa, utilizou-se um processo metodológico contemplando a realização de uma pesquisa exploratória e descritiva, partindo do preconizado pela revisão bibliográfica, objetivando o nivelamento dos conhecimentos. Com esse nivelamento, é possível a extração de uma visão crítica, dos aspectos norteadores, com o intuito de promover um maior conhecimento na área de estudo, através de bibliografias de autores que dão ênfase à questão e nas suas contribuições. As buscas bibliográficas foram realizadas no período entre dezembro de 2023 e fevereiro de 2024. A natureza quanto à abordagem da pesquisa fora destacada pelo levantamento bibliográfico em livros e artigos de autores voltados para a temática abordada, além de publicações em periódicos e diretórios acadêmicos, como a *Scielo* - Biblioteca Eletrônica Científica Online, e pelo *Google Scholar* - Plataforma de Pesquisa Online.

A questão que orientou a busca pelos materiais de pesquisa foi: Na Formação Docente, onde Professores Formadores desenvolvem a formação do Professor Pesquisador, quais as concepções adotadas para o processo formativo e a importância da pesquisa nas práticas docentes?

Os descritores utilizados foram: Professor Pesquisador; Professor Formador; Práticas Pedagógicas; Pesquisa; Concepções no Processo Formativo. Os descritores foram escolhidos de forma a representar plenamente a temática abordada e desenvolvida no estudo. Os textos em que o enfoque não se alinhava ao contexto da pesquisa foram desconsiderados.

As pesquisas descritivas para Triviños (1987, p. 109) são: “O pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica, buscando

anteriores, maiores conhecimentos para, em seguida, planejar uma pesquisa descritiva ou de tipo experimental.” Concluindo a leitura dos materiais pesquisados, e relacionando-os com o objetivo de pesquisa, realizou-se a explanação do assunto.

4 RESULTADOS - O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE NATUREZA (TDN) E O TURISMO PEDAGÓGICO (TP) COMO FERRAMENTA DE AÇÃO

4.1 O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE NATUREZA (TND) – UMA AÇÃO EMERGENTE PARA A SAÚDE DA CRIANÇA

O Transtorno do Déficit de Natureza (TDN) é relatado pela literatura desde 2005. Refere-se aos impactos negativos relacionados ao distanciamento das crianças da natureza, do brincar e do aprender ao ar livre. O termo foi utilizado pelo autor, pesquisador e jornalista americano Richard Louv, cofundador da *Children & Nature Network*. Seu sétimo livro, *Last Child in the Woods: Saving Our Children From Nature-Deficit Disorder* (2016) – no Brasil: A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza (2016) - que investiga a relação das crianças e o mundo natural em contextos atuais e históricos, provocados por um estilo de vida sedentário, sem contato direto com a natureza.

O termo apresenta-se como uma forma eficaz de chamar a atenção para uma situação emergente, que provoca alterações nas condições físicas (falta de movimento, obesidade ou miopia), mentais (estresse e ansiedade) – e comportamentais (dificuldades de sono e hiperatividade) no indivíduo e que podem facilmente ser observados e diagnosticados por profissionais médicos. Tendo a incidência com menos de 12 anos de idade e apresentou uma maior evidência após o período Pandêmico da COVID-19.

O transtorno vem sendo pesquisado por diversas áreas como a educação, a medicina, a psicologia e a neurociências. Faz-se necessária uma intervenção contrária, na constatação de uma evolução do TDN, pois os indivíduos não tratados terão situações de sofrimento na vida adulta, com problemas de ordem social, comportamental, bem-estar físico e mental.

Todas as faixas etárias têm seus próprios marcos que podem afetar seu desenvolvimento e crescimento. O marco infantil se concentram no desenvolvimento de habilidades motoras finas e grossas, interações sociais e os primeiros, como o primeiro banho.

O contato com a natureza, especialmente entre os “zeros aos 9 anos de idade” transforma os marcos da infância de uma forma extremamente positiva e mais saudável, tais como a sua imunidade, a memória, o sono, a capacidade de aprendizado, a sociabilidade, e as capacidades físicas. Qualificando, também as capacidades executivas, como planejamento, atenção, formação de novas memórias, controle inibitório, tomada de decisão e liberação de neurotransmissores, que provocam significativamente para a criança uma sensação de relaxamento e de bem-estar.

Estudos apontam mutualidade nos benefícios, assim como as crianças e adolescentes precisam da natureza, a natureza também precisa delas. Cabe registrar os importantes benefícios desse maravilhoso contato associado ao desenvolvimento socioemocional, a aprendizagem de cuidados consigo, com o outro e com o ambiente e o senso de pertencimento e de interdependência. Ou seja, a empatia, pois existe uma ligação especial entre o meio ambiente, a saúde e a qualidade de vida (BONFIM, 2010).

Devido à grande importância no Brasil, através da sua Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 225 (BRASIL, 1988), define que o acesso à natureza é um direito fundamental que registra: “[...] todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

A promoção de uma infância mais rica em natureza é fundamental e é necessário que existam ações organizadas pelos diferentes setores da sociedade. As áreas educacionais, as instituições de ensino, as famílias, a saúde e a assistência social, assim como o meio ambiente, a arquitetura e urbanismo, têm o dever de contribuir para uma maior aproximação da vivência com a natureza, promovendo um desenvolvimento mais saudável das crianças nas cidades. A ação de aproximar as crianças com a natureza representa mais um passo em direção a construção de uma cidade boa para as crianças e para todos os seus habitantes.

Nos dias atuais, cada vez mais pais e algumas escolas estão percebendo a importância de proporcionar contato com a natureza para as crianças, tornando-a um espaço educativo. Além disso, acreditam que estimular experiências ao ar livre é mais benéfico que passar horas sentadas, em sala de aula, baseando-se em livros didáticos.

É importante ter em seu cotidiano atividades ligadas à natureza. Por meio do livro - A última criança na natureza - de Richard Louv (2016), são apresentadas algumas sugestões para estimular a criatividade e passar um pouco mais do tempo em contato com a natureza.

Passar um pouco de seu tempo no quintal de casa, e se houver, fazer piqueniques em espaços abertos, contar histórias para as crianças sobre lugares da natureza que foram importantes durante a sua infância. Reviver antigas tradições, como caçar vagalumes e ter uma coleção de folhas, envolver toda a família em atividades em meio à natureza, na grande maioria das vezes, os avós lembram-se de quando brincavam ao ar livre. Estimular as crianças a acamparem no quintal, observarem as nuvens e construir sua casa na árvore.

4.2. O TURISMO PEDAGÓGICO E O SEU POTENCIAL NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E NA REDUÇÃO DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE NATUREZA

O primeiro contato da criança com a sociedade é através do seu núcleo familiar, iniciando as suas descobertas e dando os seus primeiros passos para o seu desenvolvimento e para a evolução das suas capacidades cognitivas, abstração, percepção e racionalização local onde evoluem suas capacidades de cognição, abstração, percepção e racionalização; dando continuidade na escola (BONFIM, 2010). Para muitas crianças este precoce contato é traumático, pois não estando com os seus pais, sentem-se incomodadas em um ambiente que não conhecem, com pessoas estranhas que denota um espaço de tempo para acontecer a sua ambientação. Assim também pode acontecer nas primeiras saídas pedagógicas, a insegurança do novo, do desconhecido associado ao desconforto de estarem fora da zona de conforto, neste caso e igualmente na adaptação escolar a paciência, o afeto e a empatia de todos os envolvidos na atividade é imprescindível. O foco é deixar a criança confortável e com uma sensação de bem estar e segurança (BONFIM, 2010)

Sob o ponto de vista de Matos (2012), que detalha o Turismo Pedagógico (TP):

O turismo pedagógico é uma experiência que proporcionará ao aluno, fora do ambiente da família e da escola, o uso de sua liberdade, ou seja, um momento em que

ele desenvolverá o espírito de responsabilidade, frente a si e aos seus companheiros de viagem, exercitando sua sociabilidade, sua participação, sua liderança, seu respeito ao próximo e uma constante busca de soluções para os problemas novos e sua análise crítica aos padrões morais existentes. É um momento extremamente importante para aprendizagem do aluno, pois conta com a autonomia para construir e reconstruir símbolos. (MATOS, 2012)

O teórico Rousseau (1996) já explanava em seus pensamentos que para aperfeiçoar o espírito humano a natureza deveria ser o guia e que a melhor instrução eram os fatos da vida, dizia que os fenômenos ocorridos na natureza trariam curiosidade, independência e autogestão:

[...] até os 12 anos de idade, a criança deve receber o máximo de estímulo dos sentidos, pois, sob o ponto de vista de Rousseau, um dos grandes problemas da civilização é que as crianças aprendem a ler muito cedo e, com isso, fecham-se para o rico universo da experiência sensória. Ver, ouvir, degustar, cheirar e tatear são atividades naturais que podem ser aprimoradas com a educação, mas, na maioria das vezes, a educação livresca das escolas colabora para o enfraquecimento dessas possibilidades [...] (Rousseau, 1996, p.55-56)

É muito importante que o professor planeje sua saída de campo, com antecedência e elabore um projeto para a saída, um Planejamento de Aula Especial, dedicado para uma experiência significativa do aluno, assim teremos uma aula em outro ambiente e não se tome apenas um passeio. O profissional da educação deve elaborar perguntas que exigirão uma reflexão por parte do aluno, proposta de trabalhos em grupo, ou individuais, o que estabelece o florescer de uma educação ativa, participativa e consciente e clara para todos os atores do processo educativo. Desta forma, teremos o real objetivo de uma saída de campo.

O Turismo Pedagógico apresenta algumas diferenciações, se comparado às demais modalidades de Turismo existentes. A oferta deste tipo de turismo, por exemplo, consiste nas possibilidades de exploração pedagógica ofertada por uma localidade, onde a demanda é motivada pela Educação, ainda que, em um contexto de lazer.

Torna-se um diferencial quando é o Professor o idealizador da saída de campo, com um planejamento, dados e informações detalhadas do local, ou área. Com conhecimento das características da região e dos potenciais, sejam históricos, culturais, geológicos, geográficos, sempre com o foco e um olhar na natureza. O conhecimento prévio do Professor é extremamente positivo, independente da saída ser para outra cidade, ou município. Lembrando que sempre deverá ser programada e preparada equipe de apoio, para a segurança das crianças (BONFIM, 2010).

O contato com a natureza beneficia os indivíduos em diversos sentidos, principalmente em seu desenvolvimento, atualmente é fundamental para as crianças desfrutarem da natureza, assim como terem uma boa alimentação e um sono adequado. Além disso, possibilita que as crianças sejam mais alertas, tenham mais entendimento sobre seu próprio corpo, nutram a criatividade por meio dos materiais existente nesse ambiente, além de estimular a imaginação.

Na concepção de Louv (2016):

As crianças precisam da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade. Essa necessidade é revelada de duas maneiras: ao examinar o que acontece com os sentidos dos jovens quando perdem a conexão com a natureza, e observando a magia sensorial que ocorre quando eles mesmo os que já passaram da infância- são expostos a mais ínfima experiência direta em um ambiente natural. (LOUV, 2016, p. 77).

A natureza é um ambiente repleto de incentivos, que fortalecem o desenvolvimento integral e facilitam o aprendizado, sendo relevante que faça parte do cotidiano de todos os sujeitos, não somente das crianças. Tanto os adultos quanto as crianças se beneficiam quando aproveitam os ambientes naturais; as áreas com árvores e paisagens revitalizam, diminuem a ansiedade, a depressão e a raiva e, em alguns casos, esses ambientes servem como forma de terapia.

O desenvolvimento infantil, na concepção de Louv (2016):

Em termos de desenvolvimento infantil, a diminuição do espaço de mobilidade doméstico não é uma questão menor. Uma infância passada em espaços confinados (ou no banco de trás de um automóvel) de fato reduz alguns perigos para as crianças, mas outros riscos aumentam, incluindo riscos à saúde física e psicológica, riscos à percepção da comunidade da criança, riscos à confiança e à habilidade de discernir o perigo real - e a beleza. (LOUV, 2016, p. 144)

No momento atual, torna-se um desafio que as crianças tão envolvidas com as tecnologias disponíveis se interessem em ter contato com a natureza, sendo os seus equipamentos muito mais interessantes e, até mesmo, hipnotizantes.

As saídas de campo são tentativas para que as crianças descubram outros ambientes, diferentes da sala de aula. Criando a possibilidade de uma interação com a natureza, com novas energias e esta ação torna-se urgente, pois muitas crianças residem em apartamentos, alguns com área de lazer, outros não, e o passeio normalmente se limita a lugares urbanos de ênfase no consumismo e na diferença de classe social e poder aquisitivo que dividem os jovens, como, por exemplo, os *Shoppings Centers*. Atualmente o grande desafio é fazer com que as crianças não entrem em contato apenas através de redes sociais e jogos virtuais.

Como expõem Louv (2016, p.32) nos apresenta um relato na sua obra - *A Última Criança na Natureza*: “[...] prefiro brincar dentro de casa porque é onde há tomada [...]”. Em muitas salas de aula, ouvi variações dessa frase. É verdade que para diversas crianças a natureza ainda provoca encantamentos, mas para outras parecia tão improdutivo, proibido, estranho, fofo, perigoso, televisivo.

Ao brincar na natureza, cria-se uma confiança espontânea. A natureza oferece diversas possibilidades para formar-se a autodefesa da criança, aumentando a autoconfiança e podendo também aprimorar probabilidades para desenvolver habilidades psicológicas de sobrevivência, as quais auxiliam a detectar o perigo real, criando-se assim menos chances de acreditar em ameaças falsas.

Sob o ponto de vista de Foscheira (2000):

Para que possamos implementar uma EA [Educação Ambiental] transformadora, há necessidade de democratizar a escola, de revisar sua natureza e finalidade, viabilizando um intenso processo participativo da comunidade escolar. O processo pedagógico deverá ser construído com base na concepção de que os envolvidos sejam sujeitos históricos, autônomos, críticos, criativos, cidadãos plenos voltados à construção de uma sociedade onde o centro seja a vida e não o mercado. (FOSCHEIRA 2000, p.44)

Por parte da escola, é necessário que seja pensado o cotidiano coletivamente de forma interdisciplinar e que a avaliação seja emancipatória, resultando assim no conhecimento como forma de melhorar a relação entre as pessoas. Além disso, a escola deve ser um local onde tudo é discutido.

4.2.1. A Saída de Campo: O Currículo e a Realidade

É comum que as saídas de campo sejam um privilégio das Escolas Particulares, em muitas já constam na grade curricular. Já as Escolas Públicas ainda estão rascunhando essa nova realidade. Dificuldades financeiras impedem as famílias dos alunos, ou pela responsabilidade com as crianças uma vez que as saídas de campo não são contempladas no Projeto Político Pedagógico da Escola, dentre outros impedimentos. Torna-se um grande desafio, para aqueles docentes que compreendem a importância da ação pedagógica, para o desenvolvimento do seu aluno.

Porém, há soluções para esta situação e cabe a Gestão Escolar buscar as providências. Muitos locais considerados potenciais para o Turismo Pedagógico apresentam gratuidade no acesso, tais como: Museus, Sítios Históricos, Teatros, Cinemas, dentre outros que têm em sua política interna a consciência de que podem e devem contribuir, em especial com as Escolas Públicas. É de conhecimento público, de que muitas crianças só recebem alimentação na Escola e investir em um passeio é impossível.

As Novas Diretrizes da Educação e os Temas Transversais (BRASIL, 1997), provocam as Escolas Públicas. Sabemos que o apoio dos órgãos governamentais é demorado, ou até inexistentes, mas com um planejamento cooperativo entre a comunidade escolar, instituições de ensino, famílias e, principalmente as Gestões, saídas de campo e passeios, podem ser concebidos sem a geração de custos, sendo necessário apenas a boa vontade e uma logística bem elaborada e colaborativa. Como alternativa, há opções de locais com baixo custo, mas não menos interessantes, tais como propriedades particulares rurais que recebem visitas. Enquanto aprendem, descobrem uma nova realidade, uma nova capacidade e novas curiosidades.

Observa-se uma grande colaboração entre os alunos e com os docentes, onde a grande maioria sente que é responsável pelo outro. É evidente a geração de um comportamento solidário, seguro e afetivo. Tudo que é necessário para amenizar o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN). A experiência do novo, sendo este novo a natureza é um momento de muita interação e mágico.

Na concepção de Ansarah (2001), que detalha o objetivo do Turismo Pedagógico:

Na atividade de turismo pedagógico, o importante é despertar o interesse do aluno para o novo conhecimento, pelo local, pelos usos e costumes da população. Afinal, é por intermédio do querer saber mais, da percepção, que o ser humano desenvolve seu senso analítico crítico e a vontade de conhecer mais a respeito de determinado assunto, enfim de pesquisar. Trata-se de uma atividade extraclasse, organizada pelas escolas com colaboração de empresas especializadas, e vivenciadas pelos alunos como forma de complemento de um conhecimento abordado em sala de aula, envolvendo deslocamentos e/ou viagens de maneira prazerosa. (ANSARAH, 2001, p.294)

Ações Pedagógicas desenvolvidas junto à natureza ganham vida, propiciando experiências únicas de interação com o local, com algo real propiciando um conhecimento dinâmico, provocando uma interação desprovidas de críticas, alienações ou fantasias.

Hora e Cavalcanti (2003) complementam:

As formas de relevo em uma aula de geografia estarão à vista, poderão ser percorridas; os impactos da poluição serão sentidos de perto em uma aula de campo sobre o meio ambiente; a aula de história ganhará formas nos monumentos históricos da cidade; as formas geométricas ganharão fascínio nas fachadas dos prédios e nos terrenos, enfim, são inúmeras as possibilidades do turismo pedagógico (HORA; CAVALCANTI, 2003, p. 225)

O Turismo Pedagógico como uma alternativa articuladora entre educação e lazer, capaz de proporcionar o desenvolvimento do sujeito, no momento em que possibilita uma interação com o meio (BONFIM, 2010).

Apesar das tentativas, o Turismo Pedagógico tem sido apresentado na maioria das vezes, como um segmento de mercado e não como uma prática educativa cujas raízes encontram-se nos aspectos norteadores da educação.

4.2.2. Os Seguintes de Turismo Pedagógico mais Utilizados pelas Escolas

No Turismo, da atualidade, existem vários segmentos, podendo estes serem utilizados pelas Escolas, como o Ecoturismo, que teve iniciativa a partir de movimentos ambientalistas. Nos dias atuais são encontradas Agências de Turismo especializadas no assunto, entre os principais temas abordados estão à conservação ambiental aliada ao prestígio da economia das comunidades de entorno dos destinos turísticos, agrupamentos sociais estes que muitas vezes podem estar em situação de vulnerabilidade e acabam sendo valorizadas com os princípios de sustentabilidade, preservação de seus modos de saber e fazer tradicionais, visando o equilíbrio social. Esta prática de estudos vem cada vez mais sendo apreciada pelas escolas e proporcionam, ao aluno a conscientização das vicissitudes da proteção ao meio ambiente, sendo muitas vezes estendido em forma de trabalhos que ilustram o descarte, coletas e reciclagem de lixo e a importância e valorização da ação, bem como todo tipo de mecanismo útil para a preservação do nosso planeta.

Outro tema bem explorado seria o Turismo Rural, no qual normalmente a visita é feita em propriedades familiares. Os visitantes são recebidos pelos proprietários e funcionários. Algumas propriedades dão mais ênfase na agricultura, outros para a pecuária. Atualmente, a grande maioria das crianças vivem em áreas urbanas e desconhecem totalmente a origem, a produção, o cultivo e maturação dos alimentos que estão no seu prato, desconhecem a origem e, muitas vezes, nunca viram uma vaca, ou até mesmo a sua ordenha. Imaginam que saiam apenas de uma máquina. Quando em saídas para estes locais, as crianças têm a oportunidade de conhecerem as árvores frutíferas, as hortas, os alimentos que fazem parte do dia a dia dos alunos de forma *in natura* e passam a valorizar os alimentos e avaliando as dificuldades de seu processo produtivo evitando o desperdício.

Outra opção muito procurada e explorada pelos Docentes é o Turismo Cultural, abrangendo o resgate da História Regional e do Folclore, que aos poucos estão sendo abstraídos de nosso conhecimento, através deste contato, estes alunos terão contato e uma aproximação com a cultura, costumes, valores, conhecimento empírico, tradições, fatos que fazem parte de nossa existência.

Durante as saídas e viagens pedagógicas os alunos se divertem muito e aguçam a sua curiosidade, porém, o foco principal dessas atividades é desenvolver nos estudantes habilidades importantes para a sua saúde física e mental no mesmo patamar da construção discente, plural e pessoal.

Com todo este cenário é importante e digno de menção o aumento da procura de escolas por espaços apropriados para esta prática do Turismo Pedagógico. As escolas estão buscando novas metodologias que ofereçam um melhor engajamento de seus alunos e uma

maximização de ações educativas, e obtendo um retorno por parte dos alunos, pois agora podemos unir a teoria com a prática da ação educativa (BONFIM, 2010).

4.3 Teoria da Escolha para a Educação de Glasser e o Processo de Aprendizagem

Em um dos seus estudos sobre a mente humana, o renomado cientista Gardner (1995) chegou à conclusão, em suas pesquisas, que todo ser humano não tem uma, mas sim várias capacidades intelectuais latentes que se desenvolvem de maneira única em cada pessoa, conforme questões genéticas e culturais; afirmou que os indivíduos dispõem de oito inteligências, sendo elas: linguística, lógico-matemática, espacial, corporal sinestésica, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalista. Descobriu, também, que cada indivíduo tem maior habilidade para desenvolver determinada inteligência.

Quanto a esse assunto os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) afirmam:

É importante salientar que o espaço de aprendizagem não se restringe à escola, sendo necessário propor atividades que ocorram fora dela. A programação deve contar com passeios, excursões, teatro, cinema, visita a fábricas, marcenarias, padarias, enfim, com as possibilidades existentes em cada local e as necessidades de realização do trabalho escolar (BRASIL, 1997 p.67).

Em seus estudos, Glasser (1970) desenvolveu a Teoria da Escolha – que trata da importância da autonomia do estudante no processo de aprendizagem. Para essa vertente, é necessário que o ser humano assuma o controle das suas ações. O ser humano, na concepção de William Glasser (1970), pode ser entendido como um aprendiz nato, de modo que o Processo de Aprendizado é de dentro para fora. Ele ressalta a disposição das pessoas em querer aprender, e isso diz respeito a uma escolha.

Assim, quanto mais ativa e mais centrada no estudante for a metodologia, maior será a capacidade de aprendizado. O Psiquiatra americano William Glasser (1970) aplicou sua Teoria da Escolha para a Educação. De acordo com esta teoria, o Professor é um “*guia*” para o aluno e não um “*chefe*”.

Esse processo de assimilação de conteúdo de dentro para fora, portanto, será diferente em cada pessoa. O perfil de cada estudante vai impactar o processo de Retenção do Conteúdo, algo que se aproxima do conceito de aprendizagem adaptativa.

Sob o ponto de vista de Glasser (1970), que detalha, que não se deve trabalhar apenas com memorização, porque a maioria dos alunos simplesmente esquecem os conceitos após a aula. Além disso, o Autor também explica o grau de aprendizagem de acordo com a técnica utilizada.

A Teoria de Glasser (1970) vem amplamente sendo divulgada e aplicada por Professores e Pedagogos pelo Planeta Terra.

Como expõem Glasser (1970): “A boa educação é aquela em que o professor pede para que seus alunos pensem e se dediquem a promover um diálogo para promover a compreensão e o crescimento dos estudantes.”

É uma das muitas teorias de educação existentes, e uma das mais interessantes, pois ela demonstra “que ensinar, é aprender”.

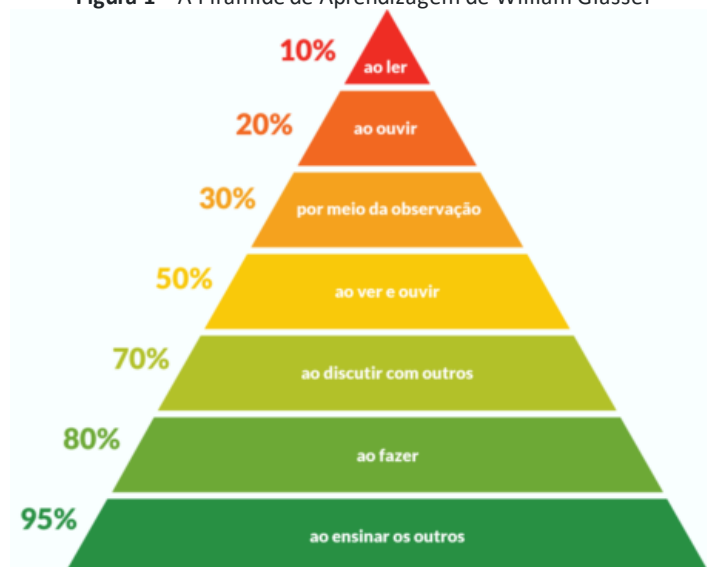
A Pirâmide de Aprendizagem é um modelo hierárquico das formas de Retenção do Conteúdo, apresentado os resultados graficamente. No topo da Pirâmide, estão os Métodos mais passivos – começando pela leitura –, e, à medida que nos aproximamos da base, temos os mais ativos, como ensinar os outros. Originalmente, a Pirâmide atribui uma percentagem para

cada método. Alguns autores fazem ressalvas de que não existe uma comprovação desses números.

Sugere-se uma leitura interpretativa desses valores e da graduação – pode-se pensar se a participação é menor, ou maior, em determinada atividade e se é possível aplicar mais Metodologias Ativas.

A Figura 1 apresenta a Pirâmide de Aprendizagem, de Glasser (1970), e de acordo com o psiquiatra americano, este é o grau de aprendizagem que o nosso cérebro absorve em diversas maneiras diferentes. A Retenção do Conteúdo, ocorre da seguinte maneira:

Figura 1 – A Pirâmide de Aprendizagem de William Glasser



Fonte: (SILVA; MUZARDO, 2018)

A Pirâmide de Aprendizagem de Glasser (1970) evidencia uma relação direta entre o aumento do nível de Retenção do Conteúdo e o de envolvimento dos estudantes.

Observe que há uma elevação do grau de participação do estudante a cada etapa, isto é, quanto mais ativa a postura do estudante, maior a “Taxa de Aprendizagem”. Logo, a experiência é mais bem absorvida, quando envolve a participação ativa de todos os interessados. Colocar o aluno em um ambiente novo e desenvolver com ele um trabalho relacionado às experiências vividas resultará em um melhor aprendizado.

E para dar conta desse amplo objetivo que é instituído pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS (BRASIL, 1997), os quais estimulam a prática de estudos *in loco* como método de ensino. E as novas Diretrizes da Interdisciplinaridade incentivam que os Docentes tenham as saídas de estudo como ferramenta didática que aproxima a Teoria da Realidade, vinculando a leitura à observação das ações, associa a problematização à contextualização encaminhada pelo Docente, o que, desse modo, aumenta o nível de conhecimento dos alunos.

Essas possibilidades permitem que o educando experimente e desenvolva outras “Inteligências”, que nem sempre são contempladas em sala de aula.

Notadamente aumenta a afetividade dos envolvidos o que torna clara a importância deste aprendizado tanto na parte didática como na parte psicológica, onde muitos alunos enfrentam seus medos entrando em harmonia com o meio ambiente e desenvolvendo a

autoestima, a autonomia nas decisões e escolhas do dia a dia, responsabilidade e cuidado com o próximo, com o local onde vive, despertando o sentimento de conservação dos bens materiais, culturais e ambientais. É considerável quando possível que o Docente consolide a dinâmica com a prática.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Artigo pretendeu-se enfatizar a importância de proporcionar para as crianças atividades ou até mesmo momentos livres em meio à natureza. Esses ambientes verdes proporcionam um desenvolvimento integral e adequado, as crianças usufruem desses espaços em seu benefício e praticam ações que, em espaços fechados, muitas vezes, não podem ser realizadas.

Por outro lado, percebemos que atualmente a vida das crianças está se tornando cada vez mais restrita, muitas delas vivem em espaços fechados e não têm contato com a natureza. Essas crianças passam grande parte de seu tempo livre sentadas no sofá em frente à televisão, celular ou videogame. Para muitos pais ou responsáveis é mais simples e prático proporcionar momentos assim que levar as crianças no parquinho, a fim de desenvolver ou criar atividades que envolvam tempo. Por exemplo, pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, corrida, jogos coletivos, dentre outros tantos.

A Escola busca exercer um papel importante nessa questão, em muitos casos as crianças têm somente o tempo da escola para poder desfrutar da natureza e praticar atividades físicas, ao ar livre. Porém há uma compreensão de que há muito a se fazer e a urgência é imediata.

A Escola deve oferecer projetos para passeios ou saídas de campo que proporcionem, além do próprio entretenimento dos passeios, o desenvolvimento dos aspectos cognitivo, afetivo, cultural e social dos alunos. Por esse motivo, é essencial que as Instituições Escolares analisem seu planejamento e incluam atividades em meio à natureza para as crianças. Baseando-se na Escola, muitos pais podem perceber a importância que a natureza apresenta no desenvolvimento das crianças, que qualifiquem a qualidade de vida dos seus filhos(as), compreendam a origem das enfermidades dos seus filhos(as) e, por meio disso, ofereçam mais atividades ao ar livre.

A natureza oferece algo que a televisão, o celular, ou os espaços fechados não têm. Proporciona um ambiente que contempla o infinito e a eternidade. A criança pode imaginar e criar seu próprio mundo sem limites.

REFERÊNCIAS

ANSARAH, M. G. dos R. **Teoria Geral do Turismo**. In: ANSARAH, M. G. dos R. (Org.). **Turismo: Como Aprender, Como Ensinar**. São Paulo: SENAC, 2001.

BONFIM, Mailane Vinhas de Souza. **POR UMA PEDAGOGIA DIFERENCIADA: Uma Reflexão Acerca do Turismo Pedagógico Como Prática Educativa**. *Turismo - Visão e Ação*, vol. 12, núm.1, 2010, pp. 114-129 Universidade do Vale do Itajaí Comburui, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2610/261056080007.pdf>
Acesso em: 15/02/2024.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil. Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para a presente e futuras gerações.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=225#:~:text=225.,as%20presentes%20e%20futuras%20gera%C3%A7%C3%B5es>

Acesso em: 18/12/2023.

_____. Ministério do Turismo. **CADASTUR - Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos do Ministério do Turismo**, 2008. Disponível em: <https://cadastur.turismo.gov.br/hotsite/#!/public/capa/entrar#capalncio>

Acesso em: 18/12/2023.

FOSCHIERA, Elisabeth Maria. **Educação Ambiental e Desenvolvimento: As Implicações Pedagógicas do Projeto Pró-Guaíba na Escola-Pólo 2**, Passo Fundo. 2000. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, 2000.

GARNER. H. **Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como Elaborar Projetos de Pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. Ed.** - São Paulo: Editora Atlas, 2002

HORA Alberto Segundo Espínola da; CAVALCANTI, Keila Brandão. **TURISMO PEDAGÓGICO: Conversão e Reconversão do Olhar**. In: REJOWSKI, Mirian; COSTA, Benny Kramer (orgs.). **TURISMO CONTEMPORÂNEO: Desenvolvimento, Estratégia e Gestão**. São Paulo: Atlas, 2003.

LOUV, Richard. **A Última Criança na Natureza: Resgatando Nossas Crianças do Transtorno do Déficit de Natureza**. São Paulo: Editora Aquariana, 2016

MATOS, Francisco de Castro. **Turismo Pedagógico: O Estudo do Meio como Ferramenta Fomentadora do Currículo Escolar**. SEMINTUR -VII Seminário de Pesquisa em Turismo no MERCOSUL. Turismo e Paisagem Relação Complexa. Universidade de Caxias do Sul [Caxias do Sul], 2012. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/01/01_Mattos.pdf

Acesso em: 20/01/2024.

ROUSSAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social – Princípios do Direito Político**. 3ªed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

SILVA, F. L.; MUZARDO, F. T. **Pirâmides e Cones de Aprendizagem: Da Abstração à Hierarquização de Estratégias de Aprendizagem**. São Paulo: Dialogia, n. 29, p. 169-179, 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.